

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Reprodução / Globo News



Jair Bolsonaro não admite saída do filho Flávio

Setores da direita avaliam ganho em eventual derrota

Setores da direita não bolsonarista já admitem, de maneira reservada, que a eventual derrota de Flávio Bolsonaro na disputa da Presidência representaria, pelo menos, a chance de o conservadorismo se livrar da dependência do pai do candidato, Jair Bolsonaro. O ex-presidente não admite a retirada da candidatura do primogênito.

O raciocínio é simples: diante das dificuldades causadas pela revelação dos contatos entre Flávio e Daniel Vercaro, o clã sairá ainda mais vitorioso em caso de vitória na disputa com o presidente Lula (PT). Em compensação, a derrota daria a uma parte da direita a chance de questionar abertamente o domínio e a teimosia dos Bolsonaro.

Independência

Para esses quadros, a resiliência do pensamento conservador mesmo depois do 8 de Janeiro e das condenações por golpismo mostra que a direita se firmou como oposição e não depende mais exclusivamente dos Bolsonaro.

As simulações mostram que o antipetismo está tão consolidado que até candidatos com baixas intenções de voto no primeiro turno, como Ronaldo Caiado, endureceriam o jogo contra Lula na rodada decisiva.

Agência Brasil



Mesmo se vencer, Lula terá que ceder para a direita

Renovar sem trair

Em outras palavras: a direita, claro, torce pela vitória de Flávio, mas avalia que uma derrota não seria tão trágica assim, desde que partidos conservadores consigam eleger boas bancadas federais e emplacar governadores. Um fracasso, porém, permitiria uma diminuição progressiva do poder de Jair Bolsonaro sem que isso aparente ser uma traição. Os setores mais pragmáticos também sabem que, mesmo vitorioso, Lula precisará ceder poder para partidos do Centrão que, assim, também receberiam vantagens.

Poder antipetista

Um detalhe da pesquisa Nexus divulgada ontem reforça a força do antipetismo. Num eventual segundo turno, 80% dos eleitores de Lula o escolheriam por considerá-lo o melhor candidato; 14% para derrotar Flávio Bolsonaro.

Já 32% dos eleitores do candidato do PL votariam nele para impedir o triunfo de Lula; 65% por considerar que o senador fluminense é o melhor para a Presidência.

Gol contra 1

Outros dados da pesquisa indicam que o caso Banco Master/"Dark Horse" provocou um desgaste de Flávio mesmo entre grupos de eleitores identificados com a direita. Em abril, ele tinha 33 pontos de vantagem sobre Lula entre os evangélicos (62% a 29%); em maio, 18 (54% a 26%).

Gol contra 2

Situação parecida foi registrada entre eleitores com nível médio: neste grupo, a vantagem do senador, de abril para maio, caiu de 16 (54% a 38%) para seis pontos (47% a 41%). No Sul, os 30 pontos à frente de Lula reduziram-se para 14 (53% a 39%). No Sudeste, porém, o empate técnico foi mantido.

Intimidade

O Tribunal Superior do Trabalho condenou a JBS a pagar indenização de R\$ 15 mil a um ex-funcionário. Isso porque a empresa instalara câmeras no vestiário em Anastácio (MG) — alegou que estavam voltadas para os armários e eram para evitar furtos. Para o TST o equipamento violava a intimidade.

Olho no SUS

Já o Tribunal de Contas da União decidiu monitorar o funcionamento de 2.743 hospitais do SUS. A medida é para identificar problemas como desperdício e dificuldades de gestão e apontar possibilidade de melhoria no uso de recursos. Em 2025, o TCU revelou que hospitais do SUS apontavam eficiência média entre 28% e 50%.

Ameaça

O escritor angolano José Eduardo Agualusa revelou, em debate no Rio, que sua proposta de trocar o nome da língua portuguesa para língua geral despertou ódio em Portugal. O autor, que lançou o romance "Tudo sobre Deus", afirmou que chegou a receber ameaças de morte vindas do outro lado do Atlântico.

É nosso!

Agualusa afirmou que muitos portugueses que demonstram preconceito em relação ao jeito brasileiro de falar não se dão conta de um dado fundamental: 80% dos falantes do português são brasileiros. "Se o Congresso mudar o nome do idioma para brasileiro, será o sexto mais falado no mundo", completou.



Empresários discutiram alternativa diante da queda de Flávio

Nem Lula, nem Flávio: terceira via cogitada

Movimentação ganhou força em evento com empresários

Por Beatriz Matos

O avanço das investigações envolvendo o caso Master e o desgaste político enfrentado por Flávio Bolsonaro (PL-RJ) começaram a produzir reflexos além do campo jurídico e já movimentam o ambiente político e empresarial de olho em 2026.

Nos bastidores do 5º Fórum Esfera, realizado nos dias 22 e 23 de maio, no Hotel Jequitimar, no Guarujá (SP), empresários, investidores e representantes do mercado financeiro passaram a discutir novamente a possibilidade de construção de uma "terceira via" para a próxima eleição presidencial.

Com uma plateia de mais de 400 empresários e convidados, o encontro promovido pela Esfera Brasil acabou se transformando em um espaço de avaliação do impacto político do escândalo envolvendo o Banco Master e da perda de força da pré-candidatura de Flávio Bolsonaro. O tema ganhou ainda mais repercussão após pesquisas recentes apontarem oscilação negativa do senador em cenários eleitorais.

Para o professor de economia do Ibmec Brasília, Renan Silva, o movimento empresarial acontece justamente porque parte do mercado começou a enxergar risco de enfraquecimento precoce da oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"A busca por uma alternativa

de centro ou direita moderada ganhou tração imediata no ambiente corporativo após o abalo ético e político sofrido pela principal pré-candidatura da oposição", afirmou.

Segundo ele, o caso envolvendo Daniel Vercaro, ex-controlador do Banco Master, acendeu um sinal de alerta no setor produtivo. "Esse episódio acendeu um alerta vermelho no empresariado e no mercado financeiro, que enxergam no enfraquecimento do parlamentar o risco de desidratação precoce da oposição ao atual governo", disse.

Nos corredores do evento, o discurso mais ouvido era o de que a direita precisaria ampliar o debate sobre alternativas eleitorais caso Flávio continue perdendo competitividade.

O ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema, candidato do Novo, reforçou esse movimento dias depois, durante evento promovido pela Amcham Brasil, em São Paulo. Na ocasião, afirmou que o escândalo do Banco Master tornou o cenário mais difícil para a direita e avaliou que uma eventual manutenção da candidatura de Flávio Bolsonaro poderia favorecer Lula em 2026.

Já Ronaldo Caiado (PSD) evitou endurecer o discurso e defendeu unidade da centro-direita contra o PT. O governador de Goiás afirmou que não faria "pré-julgamento" e pregou apoio a quem chegar ao segundo turno.